

ENTRE O ESCRITO E A ADAPTAÇÃO: JOÃO E MARIA SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA

Ilonita Patrícia Sena de SOUZA¹
(UFCG)

Adilza Ker-Leem Correia GOMES²
(UFCG)

Prof.^a Dr.^a Maria Angélica de OLIVEIRA³
(UFCG)

RESUMO

Quando pensamos em infância várias imagens surgem em nossa mente, e talvez para muitas pessoas, as viagens proporcionadas pelos livros infantis façam parte dessa memória, pois de alguma maneira eles proporcionaram uma experiência singular. Os contos de fadas possuem o poder de encantar que ultrapassa o universo da criança e alcança leitores das mais diferentes idades. A relação entre irmãos nos contos é um aspecto pouco estudado. Indo na contramão dessa afirmação, é que o objetivo desse trabalho se fundamenta em: investigar e analisar, sob o olhar discursivo, a relação dos irmãos João e Maria, no conto clássico dos Irmãos Grimm, *João e Maria* (1812). A partir da tradução intersemiótica de natureza dialógica e intertextual, esse conto maravilhoso foi reatualizado para as telas dos cinemas: com a produção fílmica intitulada *João e Maria: caçadores de bruxas* (2013). Essa adaptação é fruto da leitura que o sujeito autor fez desse conto e por isso ela está sujeita às mentalidades de seu tempo. Alicerçando-se em uma perspectiva discursiva de leitura, nosso artigo investigará como a adaptação fílmica dos contos de fadas produz sentidos através de

¹ Aluna do Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: ilosenna_12@hotmail.com

² Aluna do Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: adilzakerleem@gmail.com

³ Professora, Doutora, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: mariangelicassr@gmail.com

Trabalho desenvolvido a partir do projeto de iniciação científica PIBIC/CNPq-UFCG 2015

seus mecanismos de funcionamento. Este trabalho fundamentar-se-á nos pressupostos teóricos dos estudos discursivos, principalmente, a partir de: Foucault (2010); Chartier (2012); Indursky (2011); Orlandi (2005); pesquisadores de outros campos do conhecimento também subsidiarão a pesquisa, pois a análise de discurso é uma teoria interdisciplinar, são eles: nora (1997); Veyne (2011); Tatar (2004); Bernardet (2012). A pesquisa caracteriza-se como descritiva de natureza interpretativa.

Palavras-chave: Leitura discursiva. Tradução intersemiótica. Adaptação fílmica.

1- INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho partimos do princípio de que a leitura é um processo social, histórico e político realizado por sujeitos ocupantes de posições sociais, ideológicas e historicamente determinadas (autor/leitor), mediado pelo texto, concebido discursivamente, isto é, submetido à sua exterioridade, às suas condições de possibilidades, à sua historicidade. Segundo Chartier (1999), “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”, (CHARTIER, 1999, p.77) cuja determinação estará necessariamente associada ao autor, ao leitor e ao texto. São estes actantes que, de forma conjunta, determinarão os efeitos de sentido que podem e serão produzidos pela leitura.

Como materialidade significante, relacionada às condições de produção, às formações ideológicas, aos gêneros do discurso, não há como pensar que um texto possa ser lido de forma plena, que todos os sentidos possíveis num texto possam ser resgatados pelo sujeito-leitor. Nem todos os sentidos podem ser resgatados, pois estes nem sempre estão presentes em sua superfície. Corrobora-se, assim, que não há como existir leitura plena: o sujeito-leitor não poderá alcançar uma “plenitude” dos sentidos de um texto, porque a sua natureza, enquanto materialidade discursiva é lacunar, relativa, heterogênea. Por isso sempre haverá a possibilidade de novas leituras, de

novos dizeres, novos gestos de interpretação. Possenti (2001, p.30) afirma que “o árbitro definitivo da leitura é o texto, desde que o texto seja concebido discursivamente, isto é, seja tomado como submetido a todas as restrições históricas que normalmente o afetam e que afetam, portanto, seu autor e seu(s) leitor (res)”.

Como unidade fundamental do discurso, o texto está sempre em *déficit*, porque nem tudo é sempre dito. Os sentidos do texto estarão sempre relacionados a um tempo e a um espaço determinado porque esses sentidos estão associados à formação ideológica a que ele pertence e às suas condições de possibilidade, por isso em AD, fala-se em efeitos de sentido. Se considerarmos a leitura dos contos de fadas, veremos que essas narrativas, hoje, em nosso tempo, suscitam outros efeitos de sentidos, dizeres outros que aqueles do tempo de sua escritura. E esses novos sentidos são percebidos nas telas do cinema. Essa transposição que ocorre do texto escrito para o cinema de acordo com Azerêdo (2012, p. 134) que salienta que “a transposição de um texto (literatura) para outro contexto semiótico (cinema) carrega consigo novos recursos de significação, interferindo em significados pré-existentes, seja para adensá-los, seja para subvertê-los”. Considerando que a adaptação fílmica, segundo Azerêdo (2011, p. 141), “deve necessariamente ser vista não apenas como diálogo entre textos, mas entre contextos históricos e culturais” é legítimo então afirmar que tais adaptações constituem-se como um processo intersemiótico, intercultural e intertextual.

Alicerçando-se em uma perspectiva discursiva de leitura, investigamos e analisamos a relação entre os irmãos João e Maria, no conto clássico dos Irmãos Grimm, *João e Maria* (1812) e na a reatualização fílmica intitulada *João e Maria: caçadores de bruxas* (2013). Este trabalho fundamentar-se-á nos pressupostos teóricos dos estudos discursivos, principalmente, a partir de: Foucault (2010); Chartier (2012); Indursky (2011); Orlandi (2005); pesquisadores de outros campos do conhecimento também subsidiarão a pesquisa, pois a Análise de Discurso é uma teoria interdisciplinar, são eles: Nora (1997); Veyne (2011); Tatar (2004); Bernardet (2012).

2- METODOLOGIA

O nosso trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de natureza interpretativa. Segundo André (1995, p. 17), a pesquisa descritiva interpretativa busca “a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, a valoração e a indução em lugar da dedução, assume que fator e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador”.

Procuramos analisar o nosso objeto na linha da descrição e interpretação. Tal procedimento metodológico como assevera Pêcheux (1982, p. 55): “não se constitui em duas fases sucessivas, mas de uma alternância, de um batimento, não implicando que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se “entremisturar” no indiscernível”. O nosso trabalho apoia-se nos pressupostos teóricos defendidos pela Análise do Discurso de linha francesa juntamente com o olhar da intersemiótica.

Partindo do princípio de que a Análise de Discurso “é uma disciplina não-positivista” (INDURSKY, 2011, p.329), o procedimento de análise parte do funcionamento linguístico para se chegar ao funcionamento discursivo. De acordo com Indursky (2011, p. 329), “nesse momento, a analista teoriza. Como se vê, trata-se de uma teoria que trabalha com movimentos pendulares que vão da teoria para a prática e, dessa, de volta à teoria”. A adaptação fílmica escolhida para a análise foi ‘João e Maria: caçadores de bruxas’ (2013), do conto clássico João e Maria (1812) dos Irmãos Grimm.

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1- O início da AD

Nosso trabalho segue a linha da Análise do Discurso, uma teoria surgida na década de 60 que consiste na análise de textos para que com isso se possam compreender as construções ideológicas trazidas por meio deles. Com a análise do

discurso, há a possibilidade de percepção do que não está explícito, ou seja, a AD estuda e analisa as entrelinhas ligando sempre a linguagem e a exterioridade, sendo o discurso essa reflexão da exterioridade.

Antes de seu surgimento, outros estudos teóricos estavam em destaque como os de Saussure, que apresentava o estruturalismo e as quatro dicotomias; Chomsky e a teoria do gerativismo e Benveniste com a teoria da enunciação. Os dois primeiros davam conta de estudar a frase de modo isolado, sem contextos que pudessem interferir nas análises. Com Benveniste, os estudos já estavam evoluindo e a ideia de ter o contexto junto frase foi sendo adquirida. Após essas três correntes teóricas, surgiu outra que prioriza não só a frase, mas o texto e suas condições de produção: a análise do discurso.

Michel Pêcheux foi quem inaugurou, em 1969 na França, os estudos do discurso e de todos os conceitos que o abarcam. A partir de sua publicação 'Análise Automática do Discurso', vieram à tona vários conceitos como, por exemplo, língua, historicidade, ideologia, formação discursiva, sujeito, enunciado, discurso, dentre outros, começam a ganhar espaço nos estudos da época.

Nessa perspectiva teórica apresentada, há muitos conceitos abrangidos, mas, para abarcar nosso trabalho, nos deteremos em: *discurso e texto e leitura e efeitos de sentido*.

3.2- Discurso e Texto

Segundo Foucault (1969), o discurso é “um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva” sendo os enunciados acontecimentos únicos, produtos da enunciação e considerados como materialidade repetível e formação discursiva sendo a prática discursiva de todo e qualquer sujeito participante do discurso (lugar de significação onde o discurso faz sentido) na qual revela a memória, elementos históricos e sociais e os sentidos em que está inserido.

Para muitos de nós, como leitores, o texto é uma unidade fechada com início, meio e fim e com a presença de outros elementos como, por exemplo, grafia, letra e imagem. Observando com base na linguística textual, tal conceito não está incorreto, mas se levarmos em consideração a Análise do Discurso (doravante AD), a noção de texto ultrapassa essa definição.

A AD considera o texto como seu principal objeto, sendo ele definido como a concretização do discurso. Enquanto objeto e concretização, o texto produz e traz sentidos de múltiplas formas, pois é por meio dele que a linguagem é atravessada pela materialidade histórica e social e pelas construções ideológicas que existiam na época de sua elaboração. Por meio do texto é que os discursos se dispersam.

3.3- Leitura e efeito de sentido

A tríade composta pelo autor, leitor e texto, estes atuando de forma conjunta determinarão os efeitos de sentido que podem e serão produzidos pela leitura. Por sua vez, nem todos os sentidos podem ser resgatados, pois nem sempre estão presentes em sua superfície, portanto não há como existir uma leitura plena, ou seja, o sujeito-leitor não conseguirá alcançar a totalidade dos sentidos de um texto, pois este sendo uma materialidade discursiva é por natureza lacunar, relativa e heterogênea. Dessa maneira existirá sempre a possibilidade de se fazer novas leituras, novos dizeres. Sendo assim Possenti (2001, p.30) afirma que “o árbitro definitivo da leitura é o texto, desde que o texto seja concebido discursivamente, isto é, seja tomado como submetido a todas as restrições históricas que normalmente o afetam e que afetam, portanto, seu autor e seu(s) leitor(res)”. Como sabemos o texto é unidade fundamental do discurso, e ele está sempre em déficit, pois nem tudo é sempre dito. Os sentidos do texto estarão sempre relacionados a um tempo e a um espaço determinado porque esses sentidos estão associados à formação ideológica a que ele pertence e às suas condições de possibilidade, por isso em AD, fala-se em efeitos de sentido.

Com isso, entendemos que não se pode/deve analisar o discurso sem considerar o contexto no qual ele foi produzido, pois ele também se constitui de elementos exteriores em sua elaboração, os quais são fundamentais para a compreensão dos possíveis sentidos. Assim como a vontade de verdade as condições de produção também determinarão o que pode ser dito e o que deve ser evitado, tal como nos diz Foucault (2000, p. 50) “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época”, elas condicionaram os diferentes discursos, de maneiras diversas para cada indivíduo.

De acordo com Silva (2004, p. 160) “aquilo que é tomado como verdadeiro numa época está ligado ao sistema de poder. O poder é quem determina os enunciados como verdadeiros ou falsos em uma época.” Ou seja. Aquilo que se diz em uma determinada época dependerá dos dispositivos que regulamentam uma determinada formação social.

3.4- Sobre a tradução

De acordo com Oustinoff (2011) falar em tradução significa falar em textos bíblicos, não se pode deixar de lado aqueles que foram e são os mais traduzidos na história da humanidade. A bíblia foi traduzida para inúmeros idiomas e esse fato comprova a possibilidade de tradução entre línguas diferentes. Oustinoff (2011) nos diz que “a primeira função da tradução é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível” (OUSTINOFF, 2011, p.12). É através da tradução que, por exemplo, autoridades governamentais de diferentes nações são capazes de reunirem em um mesmo ambiente para debater assuntos de interesse comum.

Segundo Oustinoff (2011), é com Jakobson que a tradução ganha uma valoração até então despercebida, é ele quem distingue três tipos de tradução (JAKOBSON, 1959, apud OUSTINOFF, 2011, p.23): a “tradução intralingual” ou “reformulação”, de uma para outra língua, ou “tradução propriamente dita”; a

“tradução intersemiótica”, que “consiste na interpretação dos signos linguísticos por meio de signos não linguísticos.”. As adaptações dos contos de fadas, que é objeto de nosso trabalho, são produzidas através da terceira espécie de tradução, a *intersemiótica*. Essa consiste em permitir que um sistema de signos seja traduzido para outro, por exemplo, passar os contos de fadas para as telas dos cinemas, essa “transposição” é totalmente possível no campo das artes. Os significantes são polivalentes e isso significa dizer que “as palavras escritas em uma página são significantes visuais, mas podem ser traduzidos como significantes auditivos pela fala, em gestos na linguagem dos sinais, em significantes táteis no alfabeto braile.” (OUSTINOFF, 2011, p. 115) A multiplicidade de traduções que a natureza do significante permite é tão natural que não costumamos nos dar conta no nosso cotidiano.

4- JOÃO E MARIA: O CONTO E A ADAPTAÇÃO FÍLMICA

O conto dos Grimm, de 1812, é também conhecido como Irmãozinho e Irmãzinha e essa narrativa é resultado de outra história: As crianças e o bicho-papão, na qual as crianças eram levadas para florestas escuras e sombrias como forma de castigo por fazerem coisas erradas, como, por exemplo, desobedecerem aos pais, mentir e ouvir escondido s conversas dos adultos.

Os irmãos Grimm narram com alguns detalhes diferentes dos que conhecemos como dois irmãos sobrevivem às maldades de adultos e traz também as angústias vividas em relação à fome, ao abandono e ao medo: João e Maria foram abandonados pelo pai, por influência da madrasta má, numa floresta, pois estava preocupado porque a fome atingia a todos. Os autores chamam a atenção para semelhanças com o “Pequeno Polegar”, em que um lenhador e sua mulher abandonam seus sete filhos na mata e num primeiro momento conseguem voltar pra casa, pois marcam o caminho com pedras e pães, mas num segundo momento, não conseguem mais voltar e ficam na floresta. Perdidos na floresta, João e Maria encontram uma casa feita de doces

pertencente a uma velha bruxa que queria comer o menino, por isso tentava engordá-lo com todos os tipos de doce, mas como a bruxa era míope, não conseguia ver se João estava engordando e tocava num osso velho como se fosse o braço do menino e acreditava que ele não estava pronto pra ser devorado. Com a esperteza de Maria, João consegue se libertar, matar a bruxa, pegar suas joias e voltar para casa.

A adaptação fílmica *João e Maria: caçadores de bruxas* (2013) é tida como uma continuação do conto, na qual os meninos, já crescidos, trabalham protegendo seu povo caçando bruxas negras malvadas acusadas de matar crianças em rituais e também como forma de vingança dos que lhes aconteceu na infância. Traz ainda uma possível explicação para o abandono dos irmãos no conto que conhecemos: a mãe deles era uma bruxa branca, o que fazia deles também bruxos brancos, imunes a qualquer feitiço das bruxas negras, e queria livrá-los da maldição de outras feiticeiras. O filme traz também muitas lembranças e explicações que ficaram em dúvida em relação ao passado dos irmãos. Apesar de já adultos, João e Maria continuam demonstrando lealdade e companheirismo entre eles.

5- JOÃO E MARIA: RELAÇÃO ENTRE IRMÃOS

Aos nos depararmos com o conto (1812) e a adaptação fílmica (2013), encontramos forte relação entre irmãos e apesar de no conto os irmãos serem crianças e o filme retratar João e Maria quinze anos depois, já adultos, os irmãos são bem unidos e constroem uma relação que transcende a irmandade e se assemelha a relação entre pai e filha. Encontramos nas duas versões: cumplicidade, carinho, cuidado e trabalho em equipe entre irmãos. São características bastante particulares e interessantes, visto que outros contos não trazem de forma bem retratada a relação entre as famílias e os que trazem, mostram relações conflituosas e com características ruins: maldade, inveja e maltratos. Um exemplo disso é o conto Cinderela, no qual a mocinha é tratada com desprezo e maldade por parte de sua madrasta e de suas irmãs.

No conto e no filme, vemos que Maria é sempre protegida por seu irmão, embora no filme ela seja forte e possui habilidades de luta tal como seu irmão. Em ambas as versões, quando por algum motivo os irmãos se separam, sempre tentam encontrar um ao outro e saber como estão e se precisam de alguma coisa. No mesmo instante que vemos Maria como uma menina frágil, vemos também uma menina guerreira que livrou seu irmão da bruxa míope quando criança (empurrando-a no fogo) e que, quando adulta, luta para vingar seu povoado de bruxas más e foi ela quem livrou seu irmão duas vezes da morte: Em uma dessas João é quase morto por uma das bruxas, mas Maria apareceu e não permitiu que João fosse ferido. Em outra cena, vemos uma luta entre João e uma das bruxas, mas o rapaz, de repente, começa a passar mal, pois tem a doença do açúcar (diabetes), consequência da grande ingestão de doces quando era criança porque a bruxa queria engordá-lo para comê-lo. Nesse instante, Maria consegue entregar para João uma injeção com o remédio (como se fosse insulina) que alivia os efeitos da doença.

Em João vemos ainda um sentimento muito forte de responsabilidade e gratidão para com sua irmã. Há nele um caráter protetor como de um pai para com sua filha. Em algumas cenas do filme, João se encontra sozinho e a única coisa que quer fazer é encontrar sua irmã e saber se ela está bem ou se foi pega por uma bruxa. No início do filme, uma das bruxas que perseguem os irmãos tenta machucar Maria, que é prontamente impedida por João, que furioso machuca a bruxa. As duas sequências discursivas (SD's) abaixo mostram essa personalidade de pai e defensor de João para com sua irmã Maria:

SD1: “Fique sossegada, Maria”, disse João, “pare de se preocupar. Vou descobrir uma saída.” (retirada do conto João e Maria, dos Irmãos Grimm).

Aqui, João e Maria ouvem que vão ser abandonados na floresta sombria por seu pai. Nesse instante, Maria começa a ficar bastante apreensiva e sem saber o que pensar e João, percebendo a angústia de sua irmã, tenta confortá-la. Vemos a partir

daí o amor fraternal que João sente por Maria e notamos também que essa proteção e cumplicidade vêm desde cedo. A partir do abandono, os dois tornam-se cúmplices e se tratam com bastante cuidado e carinho.

SD2: “O que houve com seu rosto? Maria, quem fez isso com você? Eu sinto muito! Você está bem?” (retirado do filme João e Maria: caçadores de bruxas).

Essa é uma das cenas mais emocionantes do filme. João e Maria, numa das lutas mais acirradas, vão para lugares diferentes e após algumas horas tentam se encontrar. Os dois se deparam na antiga casa deles, se abraçam e ficam bastante contentes porque estavam bem. Também relembram a infância e descobrem alguns segredos. De repente, João percebe que Maria estava com um machucado no rosto, resultado de uma luta com uma das bruxas. Nessa hora, João se sentiu muito mal e impotente por não poder ter defendido sua irmã como sempre faz e começa a se lamentar porque viu que ela precisava de ajuda e que sofreu muito sozinha no confronto.

Podemos notar nessas duas obras que apesar de serem escritos em épocas diferentes (conto: 1812 e filme: 2013), a concepção de irmão não sofreu uma mudança significativa, pois a lealdade e a cumplicidade entre irmãos continuam preservadas da infância até a vida adulta e a cada dia cresce mais e mais.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas são tradicionais entre todos os povos e são sempre trazidos com conteúdos de sabedoria e aprendizado. Muitos deles são propagados através da cultura oral, usados como, além de algo lúdico, para trazer algum ensinamento. O conto João e Maria é resultado de outras narrativas mais duras e menos lúdicas que também traziam o ensinamento que as crianças deveriam ser obedientes para não serem castigadas.

De todos os contos de fadas, são poucos os que trazem considerações a respeito da relação entre membros de uma família. Como dissemos anteriormente, algumas narrativas como 'O Pequeno Polegar' e 'Cinderela' trazem abordagens sobre família, mas não trazem como se dá o vínculo afetivo entre as personagens. João e Maria são exemplos claros de um bom relacionamento entre pessoas de mesma família. Vemos tanto no conto dos irmãos Grimm (1812) quanto na adaptação fílmica 'João e Maria: caçadores de bruxas (2013)' que a relação entre os irmãos é muito forte, havendo indícios de cumplicidade, respeito, união e cuidado entre si.

João, como representante do sujeito irmão, acaba por vezes adquirindo a posição do sujeito pai, cuidando e protegendo Maria. Nas vezes em que não pôde proteger sua irmã, se lamenta e pede desculpas por deixá-la sozinha a mercê dos perigos. A relação entre eles é de cumplicidade do início ao fim, havendo pouco desentendimento e intrigas entre eles.

Podemos concluir que apesar das diferentes épocas em que o conto e o filme foram produzidos, os personagens João e Maria apresentam as mesmas características boas no que se refere à relação fraternal entre eles, ou seja, não houve uma mudança significativa na concepção de irmão, e no filme vemos essa relação crescer, pois ambos lutam juntos, se preocupam um com outro e tentam defender um ao outro quando algo difícil está acontecendo.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do "real" e do "ficcional". In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise de Discurso**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 119-139.
- BIZZOCCHI, Aldo. O sentido lingüístico da vida. In.: **Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Segmento, ano 4, n. 52, fev. 2010.
- CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos podem influenciar nossas vidas. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- GENETTE, Gérard. **Palimpseste**; la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.
- FOUCAULT, Michel. 24 ed. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. (tradução de Luiz Felipe de Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In.: INDURSKY, Freda et. al. (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- _____. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. In.: TFOUNI, Leda Verdiani et al. (orgs.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- KRISTEVA, Julia. A linguagem, a língua, a fala, o discurso. In.: _____. **História da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1969.
- MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.
- MICHALISZYN, M. Sergio, TOMASINI, Ricardo: **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso; princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes 2001.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- OUSTINOFF, Michel. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- POSSENTI, Sírio. **Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?** In.: MARINHO, Marildes (org.) **Ler e navegar; espaços e percursos da leitura**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.
- _____. **Análise de discurso; princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.
- PÊCHEUX, O discurso; estrutura ou acontecimento. 5 ed. São Paulo: Pontes, 2009a.
- _____. **Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio**. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 2009b.
- SILVA, Francisco Paulo da . articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: BARBOSA, Pedro-Navarro; SARGENTINI, Vanice. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- TATA, Maria. (ed.) **Contos de fada: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução á literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.